**A tradição da renda de bilro e sua continuação para futuras gerações na Ponta do Sambaqui: dificuldades e inciativas.**

Jéssica Lícia da Assumpção

Vera Cristina Caparica

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo do artigo:** Este artigo faz um panorama da tradição da renda de bilro vinda dos açores para Florianópolis no século XVIII, um legado de valor simbólico que perpassa as gerações, mas que atualmente se depara com dificuldades em sua transmissão para as novas gerações pela falta de interesse das mesmas em aprender ou de exercer a função em seu novo contexto econômico. Mas apesar de todas as dificuldades encontradas na transmissão de conhecimento, existem algumas iniciativas tomadas pelas rendeiras de Florianópolis, em especial na Ponta do Sambaqui e região, junto de órgão públicos e privados, que através de projetos contribuem para preservação da tradição cultural açoriana.

PALAVRAS CHAVES: Tradição da renda de bilro; cultura açoriana; Ponta do Sambaqui; Florianópolis.

ABSTRACT: This article makes an overview of the bobbin lacetradition that came to Florianopolis from Azores' in the eighteenth century, a legacy of symbolic value that travels through generations, but that nowadays faces difficulties in its transmission to newer generations by their lack of interest to learn and carry out the function in its renewed economic context. But despite all the difficulties found in the transmission of knowledge, there are some initiatives taken by the Florianopolis' *rendeiras*, especially those in and around Ponta do Sambaqui, with the help of public and private agencies, that through projects help to keep up the Azores' cultural tradition.

KEYWORDS: bobbin lacetradition; Azores culture; Ponta do Sambaqui; Florianópolis.

**A tradição da renda de bilro**

A tradição da renda de bilro perpassa as gerações durante séculos e vem trazendo consigo, memórias e histórias individuais e coletivas sobre a cultura açoriana.

O processo de povoamento da Ilha de Santa Catarina, antiga Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis desde 1894, iniciou-se em meados do Século XVIII, pelos vicentistas, como o objetivo de proteger e expandir os territórios da coroa portuguesa. Com os novos habitantes vieram seus pertences e familiares, mas acima disso trouxeram suas tradições, costumes, a prática da pesca e agricultura, e como todo povoamento de pescadores à confecção de renda também esteve presente.

Até o século XX, a cultura açoriana estava desvalorizada pelo conflito de poder hegemônico no sul, onde a cultura alemã se destacava na região do planalto catarinense. Este contexto muda a partir do processo de nacionalização que inicia em 1938, durante o governo do presidente Getúlio Vargas (1930-1945). A valorização da cultura açoriana é demonstrada no trecho retirado do artigo da Elis Regina Barbosa Ângelo:

Dessa forma em meados do século XX, uma nova preocupação com o discurso culturalístico, cuja intenção era diferenciar a cultura açoriana da cultura alemã, que parecia fortalecer-se na região. Essa preocupação gerou visibilidade capaz de construir as raízes açorianas, como é o caso dos traços do homem açoriano. [...]¹

Com essa preocupação na valorização cultural açoriana se resgata a memória e a tradição, as festas, a língua, e a valorização do homem e da mulher açoriana, envolvendo questão da identidade. Dessa forma o artesanato também foi valorizado, o trecho a abaixo demonstra a importância da renda de bilro como uma fonte de renda e de valor simbólico:

A renda de bilro é um desses legados de importante valor simbólico. Trazida por imigrantes que aqui chegaram em 1748, vindo dos açores, a arte de tramar representou um a viral fonte de renda. [...] Nas almofadas de bilro, esposas e filhas de pescadores teciam os fios para ocupar o tempo e deles também tirar o sustento do lar.²

As bibliografias antigas e novas remontam o papel importante da mulher rendeira na historiografia local valorizando sua tradição, memória, costume e renda de bilro. O forte legado açoriano em Florianópolis apresenta sua forte culinária, pesca

¹ ANGELO, Elis Regina Barbosa . **T*ecendo Rendas****: Gênero, Cotidiano e Geração na Contemporaneidade*. 1. ed. Saarbrucken: Novas Edições Acadêmicas, 2015. Pág. 14

² WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller**. *Renda de bilro de Florianópolis***. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2011. Pag. 9

artesanal, a dança, as lendas e mitos envolvendo lobisomens e bruxas que nos trazem o imaginário e a crença individual e coletiva da população de Florianópolis. Junto com elas vêm às canções das rendeiras que são apresentadas no livro de Maria Armenia:

Faço renda, sou rendeira

Faço renda com amor

Faço renda, sou rendeira

Minha mãe que me ensinou

Faço renda, sou renderia

Faço renda de montão

Faço renda, sou rendeira,

Pra manter a tradição

Faço renda, sou rendeira

Faço renda prá vender

Muita gente faz e não gosta

E faço por prazer

Faço renda, sou rendeira

Tô fazendo renda aqui

Faço renda, sou rendeira

Da barra da barra do Sambaqui [...]³.”

Conforme a rendeira do Casarão da Ponta do Sambaqui, Maria da Gloria Viana Soares\*, na juventude as moças se sentavam sobre a sombra da árvore para cantar ratoeira isso acontecia também nas festas, como citada por ela, a festa do divino Espirito Santo, como uma forma de se comunicar com os moços que elas gostavam, sem que outras pessoas percebam.

A história oral é uma arte e ciência do indivíduo, pelo qual se demonstra os fatos e versões do passado, através da sua memória valendo-se de instrumentos criados e compartilhados socialmente\*\*. A partir disso, foram realizadas entrevistas com três rendeiras: Maria da Glória Viana Soares, Benta Maria do Amaral e Valdete de Jesus Lima no Casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, buscando as versões do passado e tentado trazer elementos sobre a tradição da renda de bilro, assim como suas dificuldades e iniciativas.

³ WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller. ***Renda de bilro****: um legado açoriano transcendendo séculos em Florianópolis*. Blumenau, Nova letra, 2015, pagina 212.

\* Soares, Maria da Glória Viana entrevistada por Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, no dia 23 de Março de 2016.

\*\* PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Conferências. Projeto História, p.13-49, São Paulo, (15), abril, 1997.

O Sambaqui palavra de origem indígena que significa cemitério onde se encontra resto de artefatos que demostram a presença dos primitivos habitantes da região. O Sambaqui é distrito de Santo Antônio de Lisboa, além de ser uma das primeiras comunidades fundadas pelos imigrantes açorianos, assim como Freguesia da Lagoa, Ribeirão da Ilha e vila capital no centro de Desterro hoje conhecido como Florianópolis.

**A produção e o aprendizado da renda de bilro**

A produção da renda de bilro é passada de geração em geração, obedecendo a critérios definidos durante sua produção, através da sua tradição e cultura. Os instrumentos utilizados para produção da renda de bilro são os próprios bilros, que são bobinas pequenas de madeira manejados em pares com movimentos rotativos, alfinetes a serem fincados no pique, ou seja, molde dos desenhos a serem trabalhados, o pique é feito de papelão, algumas rendeiras utilizam a fotocópia de peças a serem produzidas, uma almofada no formato cilindro, conforme a imagem abaixo, que fica apoiado sobre uma caixa de madeira (cavalete).



Imagem: Os instrumentos para produção de renda de bilro

Disponível no Núcleo Açoriano da UFSC

Foto tirada por Jéssica Lícia da Assumpção

A renda tradicional é produzida com linha branca, porém atualmente é possível introduzir linhas de diversas cores. Os pontos básicos da renda de bilro são: o Meio- Ponto, Trancinha e a Perna cheia, variando o tipo de renda que pode ser a tradicional, jardineira, tramoia, palmas entre outras.

O aprendizado da renda de bilro antigamente era obrigatório, porém havia o próprio interesse da criança em aprender, geralmente ensinado pelas mães, avós ou por algum parente próximo. Essas informações foram apontadas nas entrevistadas na Ponta do Sambaqui. O processo da renda de bilro era marcado pelas atividades domésticas e do trabalho rural, fazendo com que muitas crianças deixassem de estudar.

Renda eu faço desde a idade dos sete anos, minha mãe ensinou, mas quando era época de fazer farinha, nós fazia farinha, ia lá pro morro com meu pai, arrancar mandioca, trazia no carro de boi, chegava de noite nós raspava, e durante o dia apanhava café, durante a noite raspava até ás onze horas da noite, no outro dia, quatro, cinco horas da manhã se levantava. Uma ia pro ceifador, que era ceifar mandioca, meu pai ia pescar... E a vida era assim, fazendo renda, apanhando café, fazendo farinha...4 .

As mães muitas vezes não tinham muita paciência em ensinar a renda de bilro diante da dificuldade de suas filhas. A demonstração de aptidão e dedicação se desenvolve pela intensificação das atividades ao longo dos anos através dos interesses próprios de cada pessoa.

**A dificuldade no repasse da tradição da renda de bilro.**

Ahistória compartilhada pelas rendeiras de referência da ilha, que hoje tem em torno de 60 a 80 anos, é sempre a mesma. Aprenderam a fazer renda em torno de sete anos de idade, confeccionavam a noite após o trabalho na roça de café e mandioca. Quando criança o ganho da renda era destinado à necessidade da família, e quando jovem, sob a perspectiva matrimonial, preparavam o enxoval com o dinheiro da renda.

A grande maioria das jovens após casar começou a trabalhar fora, hoje elas são aposentadas e continuam a fazer renda como complemento na renda familiar e também como terapia. Porém a dificuldade em transmitir a tradição da renda de bilro para suas filhas e netas, vem crescendo conforme o desenvolvimento econômico da cidade de Florianópolis, isso é apresentado pela entrevistada Maria da Gloria:

Eu ensinei as filhas e ensinei as netas, elas sabem... Mas não pra fazer como a gente, botar numa exposição, botar a venda. Aprenderam pra elas, e de agora em diante o problema e o medo da gente é esse, cada uma aprende pra fazer pra si, mas pra fazer pra expor, levar numa feira, tá difícil...5

4 Amaral, Benta Maria entrevistada por Jéssica Lícia da assumpção e Vera Cristina Caparica, no cassarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, no dia 23 de Março de 2016.

5 Soares, Maria da Glória Viana entrevistada por Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, no dia 23 de Março de 2016.

A abertura de novos empregos com remuneração imediata se tornou um atrativo maior para as mulheres. As mães também vão incentivar as filhas a estudar e se qualificar para um futuro emprego, pois antigamente havia muitas adversidades envolvendo a falta de transporte, luz elétrica e a falta de estrutura familiar.

A necessidade da obtenção de um status social diferente das gerações anteriores parece marcar a vida cotidiana destas filhas de rendeiras que não querem manter a tradição, uma vez que o próprio sentido da tradição parece ter sido alterado com a configuração econômica, social e cultural da localidade. A tradição anteriormente marcada por uma condição de “ser mulher” e de ter atribuições diferenciadas dentro de um modelo patriarcal aparece hoje como uma opção de profissão: ser rendeira. A conotação de que a mulher rendeira veio de um meio pobre e sem muitos recursos econômicos também parece favorecer o desinteresse destas novas gerações*. 6*

As mulheres nos dias atuais desenvolvem trabalhos externo, além do cuidado com a família e a casa. Nota-se a preocupação dessas mulheres em criar uma maior autonomia financeira, tendo em vista que uma boa parte delas é provedora de sua família. A procura de novas perspectivas pessoais e profissionais se diferencia das gerações de suas mães e a avós que era marcada pela obrigatoriedade. As novas gerações não querem a continuidade da renda de bilro, por várias razões que vai desde a sua vida cotidiana as próprias ideologias.

O aprendizado da renda, antes uma questão de sobrevivência que levava a transmissão às filhas, se modificou e o aprender se tornou algo diversificado que abrange mulheres e homens.

O produto, que na maioria das vezes era ornamental, passou a ser, ao mesmo tempo, útil e simbólico. Assim, nota-se que o artesanato foi, ao longo do tempo se adaptando as novas necessidades mercadológicas, uma vez que tais mudanças estiveram relacionadas ás próprias transformações da casa e dos modismos.7

As mulheres que ainda continuam a produzir a renda de bilro como complemento financeiro tem percebido a expansão urbana e do turismo. A pressão e a expansão capitalista no mercado modificam algumas características estéticas dos produtos, passa-se a introduzir modelos novos e estilizados, substituindo a linha fina

6 ANGELO, Elis Regina Barbosa. O “saber fazer” rendas de bilros: as ressignificações no processo na lagoa da conceição em Florianópolis. Revista de história, v1, n.1, pagina 21 , Fortaleza, jul.-dez,2013.

7 ANGELO, Elis Regina Barbosa . **T*ecendo Rendas****: Gênero, Cotidiano e Geração na Contemporaneidade*. 1. ed. Saarbrucken: Novas Edições Acadêmicas, 2015. Pág. 154

pela grossa uma adaptação de uma nova matéria prima, muda-se as técnicas, modelos e a utilização de fios com cores diferenciando das rendas tradicionais brancas que demostram delicadeza e perfeição. Hoje já se produzem saias, blusas, xales entre outras peças voltadas ao turismo.

“A economia da cidade é dominada pelas atividades de comercio e prestação de serviços, com alguma expressão na indústria de transformação, além das atividades voltadas ao turismo”8.

Ao mesmo tempo em que atividade turística causa impacto, gerando novas oportunidades de emprego, ela é capaz de beneficiar a continuação da tradição, pois se não houvesse o turismo ainda sim haveria possibilidades do fim da tradição da renda de bilro. No entanto vários projetos vêm sendo criados para valorizar a renda de bilro, com objetivo de atrair as novas gerações.

**Iniciativas que visam à comercialização e a preservação cultural da renda de bilro.**

Durante vários momentos desde a sua colonização no Estado até nos dias atuais, a cultura açoriana passou a ser desvalorização e depois passou a ser incentivada. Nos anos 70 e 80, o artesanato foi objeto de preocupação de vários setores governamentais, como o Ministério da Educação e do Ministério do Trabalho. O objetivo era criar condições de garantir a memoria cultural de uma tradição e manter a atividade de artesão.

Os desafios enfrentados pelas rendeiras são as dificuldades da transmissão da renda de bilro e o escoamento da produção, visando à conscientização do trabalho com perfeição em detrimento da comercialização de artesanato das lojas com menores custos e com a revenda da renda no centro da cidade com preços altos. Dessa forma surgiu a associação das rendeiras da ilha de Santa Catarina, coordenado por Doralécio Soares, que visava em manter viva e conservar a tradição, criando condições de trabalho para a população de Florianópolis e região, conforme:

Primeiro espaço que nós ganhamos, primeira ajuda que nós tivemos, em 1971 a 1974, foi com Doralécio. Ele tinha a loja dele ali em baixo da ponte Hercílio Luz, e os turistas quando vinham eles iam lá comprar as rendas, e nós levava as rendas pra ele. Ele dava as linhas a gente depois pagava com o dinheiro da renda né, ele descontava, a preço de fábrica a linha. E depois em 74 acabou... Os turistas já vinham pela outra ponte, ai acabou. 9

8WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller**. *Renda de bilro de Florianópolis***. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2011. Pag.11.

9 Soares, Maria da Glória Viana entrevistada por Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, no dia 23 de Março de 2016.

Em 1975, a associação das rendeiras de Santa Catarina passou a ser responsável pelo programa Catarinense de Desenvolvimento do Artesanato. As políticas públicas tomaram iniciativas para a preservação do patrimônio imaterial através do intermédio de ações complementares como o Instituto de Patrimônio Histórico, Centro de cultura Bento Silvério (Casarão da Lagoa); o Programa de Promoção ao Artesanato da Tradição Cultural, a Fundação Franklin de Cascaes, o Centro Nacional do Folclore e cultura popular em parceria com a Prefeitura de Florianópolis.10

A renda de bilro ao longo do tempo veio ganhando destaque e homenagens, como a citação das rendeiras no hino oficial de Florianópolis, a homenagem na principal Avenida da Lagoa da Conceição e a principal delas, a lei que estabelece o dia 21 de outubro como o dia municipal das rendeiras.

“A partir do crescimento urbano e turístico, em meados década de 1970 as atividades femininas passaram por mudanças, propiciadas sobretudo pela busca de profissionalização.[...]” 11

A mobilização e as inciativas das rendeiras contribuíram para as organizações informais como a do Sambaqui, que se encontra atualmente no Casarão da Ponta do Sambaqui, antiga alfândega e que em 1987, foi cedida pela União para Sede da Associação de bairro do Sambaqui, que obteve o apoio da PROMOART em 2011, com oferecimento de um curso de gestão e da associação de moradores fortalecendo o artesanato. Nesse mesmo ano foi inaugurado o núcleo das rendeiras no Sambaqui.

Desde sua fundação em 1983, a Associação de Bairro do Sambaqui (ABS), vem desenvolvendo ações comunitárias voltadas à cultura e a luta pela preservação das raízes açorianas, de seus costumes e tradições que engloba as festas religiosas, grupos de danças folclóricas (boi de mamão, pau de fita e ratoeira) e a renda de bilro, onde concede o espaço para que as rendeiras possam comercializar, produzir e ensinar a renda.

10 WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller, FIGUEIREDO Wilmara. ***Desde o tempo da pomboca***- renda de bilro de Florianópolis. Rio de Janeiro: IPHAN, CNPFCP, 2014. Página 39.

11 ANGELO, Elis Regina Barbosa . **T*ecendo Rendas****: Gênero, Cotidiano e Geração na Contemporaneidade*. 1. ed. Saarbrucken: Novas Edições Acadêmicas, 2015. v. 1. Página 159.



Imagem: A comercialização da renda de bilro no Casarão da Ponta do Sambaqui.

Foto Tirada por Jéssica Lícia da Assumpção.

Os produtos comercializados podem variar o valor conforme, o ponto utilizado, o tempo gasto na confecção do produto, que pode durar de dois dias a uma semana.

O casarão da Ponta do Sambaqui cedida em 2011 pela ABS se tornou uma atração do município que traz aos seus visitantes o convívio com as rendeiras, dessa forma o turista valoriza seu trabalho.

Hoje nós temos muito mais, é, assim, ajuda, antigamente não tinha ajuda, era fazer e revender pra uma pessoa que comprava pra vender. Hoje não, hoje a gente no meio desses projetos a gente consegue muita coisa, como eu consegui com o projeto PROMOART do Rio de Janeiro, as cadeiras e os móveis que eu tenho. Agora com a ilha rendada também adquirimos computador, adquirimos tablete, armário e impressora, tudo isso da ilha rendada. O mercado público, o espaço, na nossa luta, nós conseguimos com a Franklin de Cascaes, que dava aquele espaço lá, iam ceder pra nós depois não abriam porque achavam que não tinha renda e não tinha ninguém pra cuidar, eu falei que eu tinha e me responsabilizava de manhã e tá dando certo, tá dando um lucro bom. ¹2*.*

O projeto ilha rendada com o nome inicial “Empreendedorismo nas rendas de bilro”, obteve patrocínio da FEPESE, Petrobrás, Casa dos Açores de Ilha de Santa Catarina, o projeto envolveu 125 rendeiras de várias regiões de Santa Catarina. O projeto promoveu cursos de capacitação, informática, saúde da mulher. Maria da Glória informou que projeto disponibilizou tablets, computadores e impressora.

O projeto ilha rendada além de ensinar, divulgou o trabalho das rendeiras através da exposição fotográfica feito por Yuri Brah , no Museu histórico de Santa Catarina, como sede no palácio Cruz e Souza entre 10 de março á 10 de abril, demonstrando o trabalho das rendeiras.13

12 Soares, Maria da Glória Viana entrevistada por Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, no dia 23 de Março de 2016.

13 Informações retiradas do folder da exposição ilha rendada, disponível no palácio Cruz e Souza

Maria da Glória Viana Soares, a Glorinha, rendeira do Sambaqui, trabalha para garantir a continuidade da renda na Ilha de Santa Catarina, além de ensinar suas filhas, netas e outras que procuram foi convidada pela Casa dos Açores a ensinar a renda de bilro para trinta alunas na Ilha de São Miguel.

Através do projeto, o diretor da cultura de lá, o Paulo Teres, teve aqui nos visitando, e a gente começou a brincar e a conversar com ele, cantar e a fazer as cantorias, e ele perguntou se convidasse, se a gente não iria ensinar eles, e a nossa tradição veio de lá dos Açores e lá tinham deixado acabar, ai eu disse que ia, mas achei que era brincadeira, quando acaba de três meses eu já tava lá. Ele chamou e a gente foi com a Maria Armênia, com a Karem Machado e outra senhora também da Lagoa que é a Dona Maria que foi ensina tramoia e eu a tradicional. E fiquei um mês e cinco dias lá ensinando, eu e a Maria, e eles aprenderam, já fizeram peça até de exposição ... Foi um trabalho muito bonito. 14

Além dos projetos privados financiarem os cursos de capacitação, a Universidade Federal de Santa Catarina possui o Núcleo Açoriano, onde se encontra disponível, bibliografias sobre a cultura açoriana e sobre artesanato. Em 2014, em Santo Antônio de Lisboa foi realizado a 21º Açor- Festa açoriana de Santa Catarina, onde contou com apresentações das escolas de vários municípios, mostrando as danças tradicionais açorianas, a culinária entre outras atrações, que contribui para divulgação da tradição. Sendo possível que turista e até moradores de Florianópolis pudesse apreciar e conhecer a cultura açoriana, e conhecer um pouco mais do trabalho das rendeiras, que passa gerações através da determinação dessas rendeiras como apoios privados e públicos para manter essa tradição, sem que ela seja esquecida\*\*.

Os incentivos de projetos públicos e privados auxiliam na visibilidade da tradição da renda de bilro, no trabalho e cotidiano das rendeiras, contribuindo para comercialização e valorização da cultura local pelos turistas. A intenção dos projetos envolve a preservação do patrimônio imaterial( que abrange a tradição, os saberes, a técnica, o modo de fazer e os costumes) , e ao mesmo tempo tenta trazer o interesse das futuras gerações, que muitas vezes por motivos econômicos deixam de aprender ou produzir a renda de bilro, dificultando a transmissão, correndo o risco de que essa tradição seja esquecida.

14 Soares, Maria da Glória Viana entrevistada por Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, no dia 23 de Março de 2016.

\*\* Participação do 21º açor em agosto de 2014.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANGELO, Elis Regina Barbosa . **T*ecendo Rendas****: Gênero, Cotidiano e Geração na Contemporaneidade*. 1. ed. Saarbrucken: Novas Edições Acadêmicas, 2015. v. 1. 245p .

ANGELO, Elis Regina Barbosa. O “saber fazer” rendas de bilros: as ressignificações no processo na lagoa da conceição em Florianópolis. **Revista de história**, v1, n.1, p. 11-27, Fortaleza, jul.-dez,2013.

BECK, Anamaria. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão. ***Trabalho limpo:*** *a renda de bilro e a reprodução familiar*. Florianópolis: UFSC, Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão, 1983. 30p. (Anhatomirim, 4)

FLORES, Maria Bernadete Ramos. A autoridade do passado. IN: A farra do boi. Palvras, sentidos. Ficções. Florianópolis: UFSC,1997. Pag.113-141.

OGEDA, Alessandra. *Projetos buscam a profissionalização da renda de bilro em Florianópolis****.* Jornal noticia do Dia**, Florianópolis, 02 de maio de 2016. Edição online.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Conferências. **Projeto História**, p.13-49, São Paulo, (15), abril, 1997.

WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller. ***Renda de bilro****: um legado açoriano transcendendo séculos em Florianópolis*. Blumenau, Nova letra, 2015. 235p.

WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller, FIGUEIREDO Wilmara. ***Desde o tempo da pomboca***- renda de bilro de Florianópolis. Rio de Janeiro: IPHAN, CNPFCP, 2014. 164p.

WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller**. *Renda de bilro de Florianópolis***. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2011. 36p.

Colaboração do Núcleo Açoriano da Universidade Federal de Santa Catarina

**Entrevista realizada com as rendeiras no Casarão do Sambaqui no dia 23/04/2016:**

- Benta Maria do Amaral.

-Maria da Gloria Viana Soares.

-Valdete de Jesus Lima.